



◊ NEO-ENEOLÍTICO NA EUROPA OCIDENTAL E O PROBLEMA DA SUA CRONOLOGIA

POR

P. BOSCH-GIMPERA

No estado actual das investigações preistóricas que dizem respeito ao neo-eneolítico e mesmo ao princípio da idade do bronze na Europa ocidental, pode-se chegar a estabelecer um sistema cronológico duma forte consistência, que permite ligar o fim do paleolítico e o epipaleolítico aos períodos avançados da idade do bronze, preenchendo uma lacuna cronológica e geográfica enorme e permitindo colocar numa base sólida todos os importantes problemas que na Preistória geral se referem aos nossos territórios.

Parece-nos que é o momento de pôr o problema e tentar a sua resolução, pelo menos dando um primeiro esboço que poderá ser mais ou menos modificado no futuro, mas cujas linhas fundamentais nos parecem suficientemente precisas.

Não é aqui que se podem reunir todos os materiais e respectivas documentação e bibliografia. Podem ser encontrados noutros lugares, noutros trabalhos nossos e nos doutros autores que serão citados na devida altura. Entretanto, seja-nos permitido resumir os resultados.

Nas nossas investigações sôbre o neo-eneolítico da Península ibérica, acabámos por verificar a existência de diferentes civilizações evolucionando e movendo-se geograficamente em territórios bem delimitados:

1) A civilização portuguesa de sepulturas megalíticas, que começa no neolítico final, e depois de atravessar o eneolítico inicial (Monte Abraão, etc.) e pleno (Palmela) continua até uma fase bastante avançada do primeiro período da idade do bronze (Bronze I a-b, necrópole de Alcalar).

2) A civilização central ou das grutas de cerâmica ornada de relevos ou de incisões, evoluindo na metade setentrional da Espanha até à Catalunha, desde o neolítico final ao pleno eneolítico e constituindo-se nela, no vale do Guadalquivir, a civilização do vaso caliciforme que influencia fortemente todas as outras culturas peninsulares do pleno eneolítico (necrópole dos Alcores em Carmona, e outras).

3) A civilização d'Almería, de aldeias fortificadas, cerâmica indígena, sem decoração, pontas de flecha em losango ou triangulares com pedúnculo, contrapondo-se às de Portugal (de base côncava) e contrastando com a ausência de pontas de flecha de sílex da civilização central. Muito cedo, desenvolve-se aí a metalurgia do cobre através destes períodos, começando com o neolítico final de El-Garcel, continuando com o eneolítico inicial de La Gerundia, chegando a um período de apogeu caracterizado por Los Millares do pleno eneolítico e continuando-se na idade do bronze na cultura de El Argar. Pode-se admitir que o nível considerado até agora como somente eneolítico, de Los Millares, continue paralelamente à fase portuguesa de Alcalar na idade do bronze I a-b, o que faria colocar a transição para a cultura de El-Argar (Lugarico Viejo e Fonte Bermeja) no fim do primeiro período do bronze (I) e datar El Argar do período II.

4) A civilização pirenaica, que se espalha do país basco à Catalunha (zona N) e de que só é conhecido o período das sepulturas megalíticas do tipo português, de pontas de setas almerienses e a cerâmica na qual se misturam o tipo indígena sem decoração e o vaso caliciforme.

Apesar da lacuna entre o epipaleolítico e o neolítico final estar apenas representada pelo protoneolítico «asturiense» do Norte e pela evolução da arte rupestre que se esquematiza cada vez mais para chegar aos tipos completamente esquemáticos que se encontram nas gravuras megalíticas e nas incisões da cerâmica eneolítica, podia-se crer que nas duas civilizações do paleolítico superior espanhol se devem procurar as origens das populações que teriam desenvolvido mais tarde as civilizações neo-eneolíticas; o povo franco-cantábrico seria o antepassado das populações pirenaicas e o povo capsense desdobrado sê-lo-ia para os povos das civilizações portuguesa e central, ao passo que a de Almería representa a entrada, talvez no começo do neolítico, de novas populações, as quais, segundo a direcção da expansão almeriense, deviam ter vindo da África.

Ora, no Norte da África, pode-se supôr uma evolução paralela e concordante com a da Península Ibérica.

Depois do paleolítico superior a civilização capsense ter-se-ia convertido, como em Espanha, numa civilização de grutas com cerâmica ornamentada (o neolítico das grutas de Pallary) reduzida à zona montanhosa da África Menor pela expansão do «neolítico saareense», civilização que se espalha pelos oasis do Saará, toca nos bordos meridionais do Atlas, se mistura no sul da Tunísia com o «neolítico das grutas» (Grutas de Redeyef) e se torna equivalente ao neolítico, ainda mal conhecido, da Líbia (oasis de Siwa e de Kharga) e mesmo ao fundo mais antigo e nitidamente africano da civilização pré-dinástica egípcia (Fayum, El-Badari). Mas pode-se ainda supôr, segundo a correspondência dos seus territórios, que o «neolítico saareense» é devido ao mesmo povo que erigiu os chamados dolmens, na realidade *cistas* não megalíticas, evolução dos túmulos de pedra cobrindo fossas e que em El-Begri continham pontas de flecha saareenses.

Mas, assim como a arte rupestre do Norte da África, dando

tipos esquemáticos semelhantes aos de Espanha que se encontram no mesmo território dos chamados «dolmens» e do neolítico saarense, tendo começado por fases naturalistas provavelmente quaternárias muito diferentes da arte capsense do leste de Espanha, representaria uma civilização que se espalhara em todo o Saará habitável no quaternário, e era devida a povos que seriam a origem dos saarenses neolíticos e com eles povos aparentados que atingiriam mesmo o Egito, os saarenses do paleolítico superior seriam também, talvez, os herdeiros dos antigos sbaikienses e aterienses do fim do paleolítico inferior e, se esta hipótese é plausível, a semelhança tipológica das pontas de flecha neolíticas saarenses com as fôlhas pedunculadas aterienses (consideradas como «neolítico berbere» e variante do verdadeiro «saarense neolítico» por Pallary) estaria explorada.

Depois do que acabamos de dizer, já não admirará que o neolítico das cavernas africano esteja no fundo da mesma cultura das grutas de Espanha e tenham saído ambos das populações capsenses, havendo numerosos paralelos a unirem a civilização de Almeria com o saarense africano e mesmo com o Fayum onde Miss Caton Thomson descobriu cerâmica de formas semelhantes às almerienses. Os almerienses de Espanha seriam a guarda avançada dos saarenses perdida no princípio do neolítico no Atlas argélico e chegada a Espanha através do mar, partindo da costa de Oran, em face de Almeria.

Poder-se-ia mesmo procurar nas mudanças climatéricas do fim do quaternário e dos princípios do neolítico, a origem dos movimentos dos povos que teriam levado os almerienses a Espanha; a secagem progressiva do Saará teria impellido os seus habitantes para o Atlas, como os impelia para leste, para o Egito, exactamente como o empobrecimento das espécies animais empurradas pelos paleolíticos espanhóis, conduziu ao empobrecimento dos povos e da civilização do Norte de Espanha, obrigan-

do-os a alimentarem-se de ostras (asturiense) da mesma maneira que os capsenses de leste, emigrados em parte para o Norte e espalhados pela França e por outros países (tardenoisense).

Os capsenses do Sul da França desenvolveram por sua vez uma civilização de grutas de cerâmica ornamentada paralela à de Espanha e espalhada até aos Alpes. Os antigos franco-cantábricos reduzidos aos Pireneus espanhóis e ao oeste dos Pireneus franceses pelo movimento capsense, depois da assimilação das influências das outras culturas vizinhas do eneolítico, foram o povo da cultura pirenaica, que oferece um grupo autónomo no SW. da França e que partindo da Catalunha apaga, pouco a pouco, no SE. a civilização das grutas.

A expansão pirenaica no eneolítico é o traço de união entre o Sul da França, na realidade um apêndice cultural da península ibérica, e as regiões mais setentrionais que teem um aspecto muito diferente.

Na França pôde-se verificar também a existência de diferentes civilizações com personalidade arqueológica e geográfica bem marcada: no Sul o grupo pirenaico do SW. e a sudeste a civilização das grutas do neolítico final apagada no eneolítico pela civilização pirenaica procedente do grupo catalão. A cultura pirenaica persiste com grupos evolutidos, até ao começo da idade do bronze. Então se observa que ela avança do N. da Garona em direcção NW. chegando até Charente onde se cruza com as influências bretãs da mesma época (grupos avançados do começo da idade do bronze) ao mesmo tempo que através do vale do Ródano parece estabelecer contactos com as palafitas do Jura. Mais para diante, ainda no eneolítico, a civilização pirenaica do tipo catalão do SE. da França deve ter influenciado fortemente todos os grupos do N. da Provença. As pontas de flecha espalham-se nos campos entrincheirados do E. da França (Lorena, Franco-Condado) e poder-se-ia crer que é através desta civilização do E. da França,

ainda tão mal conhecida, que o vaso caliciforme se espalhou pelo Reno e Europa central. Mas, mais ao N. nos vales do Marne, do Oise e do Sena, a cultura do sílex recebe, em virtude de influências pirenaicas, as galerias cobertas e as pontas de flecha de sílex do tipo almeriense (com pedúnculo ou em fôlha). Não é para admirar que depois de ter sido possível verificar nos «long barrows» ingleses uma civilização semelhante à do sílex da França (T. D. Kendrick) aí se encontrem também os dois tipos de pontas de flecha almerienses, recebidos com os megalíticos através da civilização pirenaica e contrastando em França com as pontas de gume transversal, tão abundantes e tão típicos na cultura do sílex. É assim que no N. da França as relações pirenaicas vão complicar o aspecto duma civilização descendente do campigniense, com as possíveis sobrevivências tardenoisenses (Aoberg, Octobon) com a qual está unida pela fase intermediária representada por alguns campos fortificados (Campo de Catenoy).

Não se pode seguir de perto a sorte da cultura do sílex no princípio da idade do bronze, mas pode-se admitir a hipótese da sua sobrevivência até um certo momento bastante avançado da nova idade. A falta de estações dos primeiros períodos desta e a persistência das civilizações eneolíticas em todos os territórios vizinhos serão indícios de tal facto no Reno; é preciso talvez crer numa certa persistência da civilização dos vasos caliciformes misturados com a da cerâmica cordada, mistura da qual saiu o «Schnurzonbecher» e até ao fim do primeiro período do bronze encontram-se ainda no grupo de Adlerberg sobrevivências misturadas a outras culturas que se tinham espalhado antes no mesmo território (Michelsberg, cerâmica listrada). Na Holanda a cerâmica dos vasos caliciformes, também misturada com a cerâmica cordada e com o tipo misto dos «Schnurzonbecher» bem parece ser do começo da idade do bronze (I a-b) e algumas vezes tipos de pontas de flecha de azas e pedúnculos muito evolucionados como

os do O. da França e da Bretanha do começo da idade do bronze, encontram-se aí associados aos *tranchets* evolucionados e polidos que na França se descobriram no Campo de Chassey, estação onde se misturam as influências da cultura de sílex com as das civilizações do S. da França numa data que se suporia bastante tardia e já do começo da idade do bronze. Na Inglaterra, no princípio desta idade, uma invasão vinda da Holanda levou o vaso caliciforme (beaker folk) com os túmulos circulares, «round barrows», semelhantes aos da Holanda, e nós sabemos agora, depois dos estudos de Kendrick, que ao lado da nova civilização subsiste a dos «long-barrows», influenciando-se mutuamente e saindo da sua mistura a plena idade do bronze inglesa em tempos muito avançados.

Uma outra província é constituída pela Bretanha e pela Irlanda. Antes do pleno eneolítico estes territórios são bastante mal conhecidos. Pretendeu-se mesmo que a Bretanha não era povoada (Franchet). Em todo o caso, no eneolítico aparece uma civilização bretã fortemente influenciada por Portugal (sepulturas de câmara circular e grande galeria, sepulturas de cúpula, vasos caliciformes do tipo mais ou menos português) pôsto que em estreitas relações com outras civilizações. Não se pode confundir com a do sílex porque a maior parte dos fenómenos desta última faltam na Bretanha. Mesmo as galerias cobertas, tão frequentes na Bretanha, poderiam não ser tomadas na cultura do sílex, mas na civilização pirenaica do SW. da França, com a qual teve contactos. Em todo o caso, a Bretanha é o centro e o intermediário de relações muito vastas entre Portugal (vaso caliciforme, ouro) duma parte, e as culturas nórdicas («Kragenflaschen», machados, martelos, âmbar) de outra, e muito cedo será o centro do comércio de calaita e do âmbar que chegam ao seu ponto culminante no grupo mais tardio (Bronze I a-b) caracterizado pela progressiva desapareção das grandes sepulturas megalíticas, substituídas pouco

a pouco por pequenas cistas (pôsto que ainda muitas vezes de-
baixo de grandes túmulos) e por machados de jadeíte, etc. (Mané-
-er-R'hoeck) e acabando a evolução no grupo das cistas de pedras
sêcas (Bronze I c) com profusão de objectos de metal e com
as pontas de asas e pedúnculo, muito evolutidas, dos tipos do
comêço da idade do bronze do S. da França (pirenaicas) chama-
das «pontas de flecha armoricanas». Depois uma funda decadên-
cia torna mal conhecida a civilização bretã.

Esta parece ter penetrado muito cedo na Irlanda. Do eneolí-
tico conhecem-se nesta região os fragmentos de vasos calicifor-
mes do tipo bretão de Moytirra e depois começa a grande civili-
zação megalítica irlandesa, com megálitos que continuam as for-
mas bretãs, sobretudo as sepulturas de cúpula com relação com
o grupo bretão do Mané-er-R'hoeck, mas também com os mate-
riais novos (Mount Field, Lough Crew) que não podem provir
senão de Portugal, da civilização de Alcálar (pontas de flechas de
base côncava muito evolutidas). Relações íntimas com a Península
Ibérica são denunciadas pelas gravuras das lages sepulcrais mega-
líticas, que continuam, depois duma nova fase megalítica irlan-
desa (Lough Crew e New-Grange) onde se encontram os tipos
mais evolutidos das insculpturas da Galiza.

É então que se desenvolve na Irlanda a metalurgia com os
machados chatos em bronze, ornados de desenhos geométricos
que sempre se compararam aos das placas em xisto dos megá-
litos portugueses. Há também na Irlanda alabardas como as de
Alcálar de Portugal e as de El-Argar em Espanha, e uma grande
quantidade de objectos de ouro (discos e lunulae) como as deco-
rações geométricas dos bronzes que são exportados para diferen-
tes lugares do N. e NW. da Europa (Normandia, foz do Loire,
Bélgica, Hanover, Dinamarca). A Irlanda parece então eclipsar a
Bretanha e entrar em relações íntimas com o país de Gales e
Cornuailles onde se exploravam os jazigos de cobre e de estanho,

emquanto que na Irlanda aparecia ouro. Na Bretanha é o período
das cistas de pedras sêcas, das quais a de St. Fiacre tem macha-
dos chatos, uma alabarda em bronze e os restos dum vaso de
prata que pode ser supôsto contemporâneo do comêço da flora-
ção da cultura megalítica irlandesa (Bronze I) que se continuou
no segundo período do bronze.

*

* *

Se estes resultados são plausíveis, poderia admitir-se um
sistema cronológico para a Europa ocidental que ligasse o epipa-
leolítico à idade do bronze, na qual o primeiro período é substi-
tuído no Ocidente pelas sobrevivências das civilizações eneolíticas
o que de resto se dá também noutra parte da Europa (Reno,
Suíça, Escandinávia e N. da Alemanha, mesmo E. da Europa).
Tentaremos esboçar um esquema dos períodos que se estabelece-
ram e indicar sumariamente os sincronismos que podem ser mais
ou menos fixados, com os outros países da Europa ou da África.

Epipaleolítico

Azilense, Capsense final na África e na Espanha. — Tardenoisense antigo (Crouzade, Remouchamps, St. Marc), de tipos
ainda não geométricos. Maglemosense. Transição para o período
seguinte: tardenoisense geométrico (Montbani, Zonhoven, Kioekken-
moeddings portugueses). Tardenoisense africano: Negrine. Arte
naturalista degenerada do Atlas.

Protoneolítico (cêrca de 6.000?)

Asturiense, Arte esquemática da Espanha. — Tardenoisense
final de Fontlaurier (Aude), Chateaneuf du Pape (Gard), Theil
(Loir-et-Cher) e dos platós belgas. Campigniense. Kioekkenmoed-
dings nórdicos.

Na África, evolução do capsense para as camadas neolíticas inferiores das grutas de Redeyef. Arte esquemática saarensa. Formação da cultura saarensa (?) e movimentos dos povos saarenses para a Espanha e para a Líbia e NE. da África (?)

Neolítico avançado ou final (cêrca de 4.000? ou antes?)

Cultura das grutas da África, Espanha, e do SE. da França e comêço dos megálitos portugueses (verdadeiros dolmens). El-Garcel em Almeria. Fase de transição da cultura do sílex do N. da França (Campo de Catenoy).

Època dos dolmens na Escandinávia. Cultura de Michelsberg no Reno.

Na África: saarensa antigo (sepultura de El-Begri no Atlas). Cultura do Fayum e El Badari no Egipto.

Eneolítico (3.700—2.500)

A) *Fase inicial*, bem conhecida somente na Península Ibérica: megálitos portugueses de câmara circular e corredor, e formação da galeria coberta (Monte Abrahão), cultura das grutas e Almeria (La Gerundia). Civilizações paralelas no centro da Europa (Bandkeramik) e ao Norte (sepulturas de corredor nórdicas mais antigas).

Na África o saarensa e níveis superiores das grutas de Redeyef (?). No Egipto a civilização predinástica.

B) *Pleno eneolítico*: Fase de Palmela em Portugal, civilização do vaso caliciforme na Andaluzia, comêço da fase de Los Millares em Almeria.

Civilização pirenaica na Espanha e na França.

Período das galerias cobertas e grutas artificiais do Sena, Oise, Marne, na cultura do sílex do N. da França e o período mais antigo dos «long-barrows» da Inglaterra.

Megálitos bretões de vasos caliciformes e tipos variados. Primeira expansão na Irlanda (vasos caliciformes bretões de Moytirra).

No Reno, cultura dos vasos caliciformes e da cerâmica cordada.

Fase das sepulturas de corredor mais recentes na civilização nórdica.

Na África apogeu do saarensa. No Egipto, Tinitas e antigo império (Dinastias I-III).

Idade do Bronze I (2.500—1.700?) (sobrevivências eneolíticas)

I a-b) Cultura megalítica de Alcalar em Portugal e última fase da de Los Millares em Almeria. Civilização pirenaica evoluída da França.

Grupo bretão evoluido (Mané-er-R'hoek) e comêço da civilização megalítica irlandesa (Mount Field, Lough Crew).

Possível sobrevivência da cultura do sílex no N. da França e «long-barrows» mais recentes. «Round-barrows» da Inglaterra. Sobrevivência da cultura dos vasos caliciformes e dos «Schnurzonenebecher» da Holanda e do Rêno. Período das cistas nórdicas.

I c) Transição para a cultura de El Argar na Espanha (Lugarico Viejo e Fuente Bermeja em Almeria, Castro Marim em Portugal).

Cistas bretãs de pedras sêcas e de pontas «armorianas».

Comêço do apogeu da civilização megalítica irlandesa (Lough-Crew, New-Grange, lunulae) continuando na idade do bronze II.

Tentamos também indicar uma cronologia absoluta hipotética que entretanto não é fixada arbitrariamente. Tem como pontos de referência bastante consistentes para o protoneolítico o *terminus post quem* da cronologia dos geólogos escandinavos para o fim da época glaciária, para o fim do pleno eneolítico a data de 2.500 obtida por A. Schmidt como *terminus ante quem* para a expansão do vaso caliciforme, o *post quem* para Troia II, sincrónico com o fim do antigo império egípcio. As datas interdiárias são obtidas por aproximação e naturalmente muito hipotéticas.

Ver para os materiais ou para os ensaios de sistematização sôbre períodos particulares nos diferentes territórios:

Bosch-Pericot — Les civilisations de la Péninsule ibérique pendant le néolithique et l'énéolithique. («L'Anthropologie», XXXV, 1925).

Bosch-Serra-Rafols — Études sur le néolithique et l'énéolithique de France. («Revue anthropologique», 1925-1927).

Bosch — Las relaciones de los pueblos atlánticos y la península ibérica en el eneolítico y en la edad del bronce («Investigación y progreso», I, 1927, n.º 7). (Resumo dum estudo sôbre o mesmo assunto aparecerá nas «Miscelâneas», de Leite de Vasconcelos).

Bosch — La Prehistoria de los iberos y la etnología vasca («Revue internationale des études basques», 1925), equivalente a Die Vorgeschichte der Iberer (Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien, 1925).

Bosch — Los antiguos iberos y su origen (Madrid, 1927).

T. D. Kendrick — The axe age (Londres, 1925).

W. Bremer — Die Stellung Irlands in die Vor und Frühgeschichte Europas (Festschrift des Römisch-germanischen Zentralmuseum, Mainz, 1927).

Bosch — Artigos Glockenbecherkultur e Megalithgräber (Westeuropa) e parte correspondente do artigo Pyrenäische Halbinsel no Reallexicon der Vorgeschichte de M. Ebert.

F. W. Gardner-G. Caton Thompson, The recent geology and neolithic industry of the Northern Fayum Desert (Journal of the Royal Anthropological Institute, LVI, 1926, pág. 301 e seg.).

G. Caton-Thompson — Explorations in the Northern Fayum («Antiquity», 1927, pág. 126 e seg.).

A. Scharf — Grundzüge der ägyptischen Vorgeschichte (Leipzig, 1927).

L. Frobenius-H. Obermaier — Hadschra Maktuba. Urzeitliche Felsbilder Kleinafrikas. (Munich, 1925).

L. Frobenius — Der Kleinafrikanisch Grabbau (Prähistorische Zeitschrift, VIII, 1918, pág. 1 e seg.).

(Tradução de A. ATAÍDE).